

A NOITE BATE EM BRANCO

JOSÉ ANTÓNIO QUNTANILHA • ANA MORGADINHO • JOSÉ SOTTOMAYOR

*A VIDA É UM DIA ENTRE DUAS NOITES;
A ARTE INFLAMA ESSE DIA.*

TOMÁS MAIA

No dia em que foi inventado o domínio do fogo, os nossos antepassados devem ter ficado acordados até mais tarde. O fogo roubou horas de sono à noite e a luz provocou a possibilidade de um trabalho que se prolonga, de uma espécie de lazer, ou apenas estar diante das chamas e do rosto iluminado dos outros. A noite tida como "longa necessidade de despertar" passou a ser aquecida pela vigia do fogo, numa luta por prolongar a visão brilhante até que as pálpebras nos obrigassem ao repouso. Manusear o fogo enquanto matéria de iluminação é hoje totalmente distante. Novalis dizia que a lamparina é a própria matéria da luz, que o seu óleo amarelo era já "a luz condensada, uma luz condensada que se quer dilatar." Deste modo a nossa função era com uma "chama leve, libertar as forças da luz aprisionadas na matéria." Como se pudéssemos perceber que as matérias têm luz dentro tirada pelo fogo.

Abandonámos o uso habitual do fogo enquanto luz. Porém, de algum modo persiste sobre a noite uma matéria imaginativa essencial. A noite nunca prescindirá do sonho e da expectativa fundamental da luz.

A NOITE BATE EM BRANCO compreende três pequenos núcleos expositivos que desenham um percurso de atenção. Conjugando trabalhos de Ana Morgadinho, José António Quintanilha e José Sottomayor, fazemos assim coincidir uma diversidade disciplinar de práticas e percursos.

Com um trabalho formal e conceptualmente marcado pelas formas elementares, Ana Morgadinho coloca-nos na liminaridade da experimentação das matérias. Numa investigação da natureza da transparência e da opacidade, percebemos a luz como algo táctil.

Em formatos que convocam a visão na sua totalidade, como um mergulho, José António Quintanilha submerge-nos em lugares insólitos. Fá-lo com imagens de grande densidade, produzidas numa prática fotográfica rigorosa, atenta ao trabalho das camadas simbólicas da temporalidade.

As esculturas e objetos instalados de José Sottomayor anunciam um início de uma luz impossível, de uma espécie de uma noite em branco. Uma noite na qual somos levados para ritmos lúdicos e desprentiosos, onde sobre a visão extática vemos reflexos de luz em movimento.

Assim, numa noite obscura e intensa, com as mãos cheias de chamas, andamos para dentro desse espanto de uma claridade em devir, acentuando a exploração dos valores da luz enquanto possibilitadora da visão. Ficamos com os novos feixes de luz lançados sobre uma noite que fazem, metaforicamente, romper a invisibilidade e abrir novas hipóteses ao acto de ver. Uma noite a branco que inventa, com uma forte velocidade, conversões do olhar.

REFERÊNCIAS • Gaston Bachelard, *Chama de uma vela*, 1961 • Novalis, *Les disciples à saís*, 1903